



# Narrativas de vida de refugiados: entre testemunho e resistência

## Life narratives of refugees: between testimony and resistance

Glaucia Muniz Proença LARA\*

**RESUMO:** Tomando os fluxos migratórios contemporâneos como um tema sensível e controverso, este artigo tem como principal objetivo examinar, à luz da Análise do Discurso de linha francesa, em seu diálogo com a (Etno)sociologia, narrativas de vida de dois refugiados que se deslocaram para a França. Tais narrativas integram o livro *La parole est aux migrants* (2015), do jornalista Olivier Geai. Assim, como, em geral, são as autoridades (governantes, especialistas, mídias etc.) que falam sobre e pelos sujeitos em situação de vulnerabilidade e, não raro, se limitam a transformá-los em números, porcentagens e estatísticas, a ideia é “dar voz” a esses sujeitos para que eles próprios contem sua história, no caso deste trabalho, sua experiência migratória. O dispositivo para a análise das narrativas de vida selecionadas retoma alguns planos da semântica global de Dominique Maingueneau (2005), cujo foco é realizar uma abordagem integrada entre a enunciação e o enunciado. São eles: os temas, o vocabulário, a dêixis enunciativa e o modo de enunciação, que remete à noção retórica de *éthos*. Um segundo objetivo é o de discutir a noção de narrativa de vida para verificar sua condição (ou não) de gênero de discurso, bem como sua relação com a noção próxima de testemunho. Os resultados da análise das narrativas mostram que, se cada uma delas é única e insubstituível, há aspectos que as aproximam, permitindo a construção de um discurso comum: a recorrência de temas como violência, desumanização, xenofobia; a predominância de um eu, que se desdobra entre um aqui-agora (na França, no presente) e um lá-então (no país de origem, no passado); a proposição de um *éthos* de resiliência. Essas constatações mostram o teor testemunhal do gênero “narrativa de vida” e permitem desestabilizar o discurso oficial e os estereótipos que cerca os refugiados (invasores, delinquentes, terroristas, entre outros), funcionando, então, como um discurso de resistência.

**Palavras-chave:** Refugiados. Narrativas de vida. Testemunho. Discurso de resistência.

**ABSTRACT:** Considering contemporary migratory flows as a sensitive and controversial issue, the main objective of this article is to examine life narratives of two refugees who moved to France in the light of French Discourse Analysis in dialogue with (Ethno)sociology. Those narratives are part of the book *La parole est aux migrants* (2015) by the journalist Olivier Geai. In general, the authorities (governors, experts, media, etc.) speak about and for subjects in vulnerable situations and often just transform them into numbers, percentages and statistics, therefore the idea is to “give voice” to these subjects so that they themselves can tell their story,

---

\* Doutora em Semiótica e Linguística Geral (USP). Docente da Faculdade de Letras/UFMG. [gmplara@gmail.com](mailto:gmplara@gmail.com)

in the case of this work, their migratory experience. The device for analyzing the selected life narratives resumes plans from Dominique Maingueneau's *Global Semantics* (2005), whose focus is to carry out an integrated approach between the enunciation and the utterance. The plans are: the themes, the vocabulary, the enunciative deixis and the mode of enunciation, which refers to the rhetorical notion of ethos. A secondary objective is to discuss the notion of life narrative to verify its status (or not) as a discourse genre, as well as its relationship with the close notion of testimony. The results of the analysis of the narratives show that, albeit unique and irreplaceable in themselves, there are aspects that approximate them, allowing for the construction of a common discourse: the recurrence of themes such as violence, dehumanization, xenophobia; the predominance of a self, which unfolds between a here-now (in France, in the present) and a there-then (in the country of origin, in the past); the proposition of an ethos of resilience. These findings show the testimonial content of the genre "life narrative" and enable the destabilization of the official discourse as well as of stereotypes surrounding refugees (invaders, criminals, terrorists, among others), thus working as a discourse of resistance.

**Keywords:** Refugees. Life narratives. Testimony. Discourse of resistance.

Artigo recebido em: 08.06.2024

Artigo aprovado em: 22.10.2024

## 1 Introdução

Os fluxos migratórios para os países da Europa aumentaram substancialmente a partir de 2015. Segundo Emmanuelli (2017), estamos diante de um fenômeno irreversível, que representa um eixo primordial do nosso futuro. Ora, a ideia de mobilidade já está presente na Declaração Universal dos Direitos Humanos<sup>1</sup> (ONU, 1948) que, em linhas gerais, confere a todo ser humano o direito "à liberdade de locomoção e de residência dentro das fronteiras de cada Estado", podendo ele "deixar qualquer país, inclusive o próprio e a esse regressar" (Artigo 13); "de procurar e de gozar asilo em outros países", quando for vítima de perseguição (Artigo 14); de ter "uma nacionalidade", não podendo ser "arbitrariamente privado de sua nacionalidade, nem do direito de mudar de nacionalidade" (Artigo 15).

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 20 maio 2024.

Esse direito universal de deslocamento ou de liberdade de circulação geraria, em princípio, como contrapartida, um “dever de hospitalidade”. O que vemos, porém, é, não raro, uma política de hostilidade dos Estados-nações, incluindo o fechamento de fronteiras, a extradição de migrantes, as interdições de entrada para certas nacionalidades, sem contar os acampamentos precários, as manifestações xenófobas e as polêmicas políticas face ao fenômeno migratório.

Considerando que os migrantes e refugiados são, em geral, “falados” pelos lugares de poder (mídias, instituições governamentais etc.), pretendo dar a palavra a esses sujeitos em situação de vulnerabilidade, para que eles contem a sua própria história, a fim de, posteriormente, comparar essas histórias em busca de aspectos comuns. Com isso, busco desestabilizar os discursos oficiais, que sempre se esforçam por naturalizar e impor sua versão dos fatos, propondo a possibilidade de uma outra escuta: a dos que, geralmente, não são convidados a se exprimirem publicamente, daqueles cujos discursos são marginalizados, silenciados (Pollak, 1989; Mariani, 2021).

Com esse objetivo maior em mente, tomo narrativas de vida de dois refugiados na França<sup>2</sup>, para verificar como eles se posicionam diante da experiência migratória. Afinal, o que os motivou a cruzar fronteiras? Como foi feito o trajeto rumo à França? Como eles foram acolhidos em solo francês? A análise das narrativas selecionadas será conduzida à luz da Análise do Discurso de linha francesa (ADF), mobilizando, particularmente, alguns planos da semântica global de D. Maingueneau (2005), como explicarei adiante.

Um segundo objetivo, decorrente do primeiro, seria o de caracterizar a noção de narrativa de vida – central para minha pesquisa –, discutindo se é possível tomá-la como um gênero de discurso autônomo e avaliando sua relação com o testemunho e com o discurso de resistência.

---

<sup>2</sup> Essas narrativas de vida são parte do *corpus* da pesquisa *Refugiados no Brasil e na França: discursos e imagens* (Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Processo n. 306331/2022-5).

Antes de prosseguir, convém caracterizar brevemente o que se entende por **refugiado** e apontar o que o distingue de **migrante**, já que esses termos/categorias são, frequentemente, tomados(as) como equivalentes. Conforme constatei em Lara (2021), o refugiado, do ponto de vista legal, é qualquer pessoa que muda de país, buscando escapar de conflitos armados, perseguições (política, étnica, religiosa etc.) ou violação de direitos humanos. Ao contrário do refugiado, o migrante seria aquele que se desloca por vontade própria, mesmo que seja na tentativa de escapar da pobreza e da fome ou de buscar melhores condições de vida (trabalho, educação etc.) Assim, enquanto o refugiado encontra acolhimento na Convenção de Genebra (1951) e nas diretrizes da União Europeia para obtenção de asilo, o migrante não tem direito a requerer asilo.

Na prática, porém, os limites entre os termos **migrante** e **refugiado**, bem como entre as categorias de indivíduos a que remetem, são bastante tênues e sujeitos a flutuações, o que leva Bartram, Poros e Monforte (2014) a proporem um *continuum* entre migração forçada e migração voluntária, uma vez que compulsões e motivações de vários tipos podem ter um papel maior ou menor em certos fluxos migratórios.

Dito isso, passarei, na sequência, a discutir a noção de narrativa de vida. Apresentarei, então, as categorias de análise e as narrativas que compõem o *corpus*, procurando, finalmente, ouvir a “voz” dos refugiados, em consonância com meu primeiro objetivo.

## 2 Refletindo sobre a narrativa de vida

Lembro, inicialmente, que minha teoria de base – a ADF – é constitutivamente transdisciplinar, o que permite ao analista fazê-la dialogar com outras disciplinas/outros autores. É o caso deste artigo, em que busco integrar um conceito da (Etno)sociologia à ADF, bem como estabelecer interlocuções com autores da psicanálise, da história, dos estudos literários, da semiótica etc., em torno de questões de interesse comum.

Nesse contexto, a expressão “*récit de vie*” – que traduzo como “narrativa de vida”, em sintonia com as pesquisas de Machado (2020; 2021) – foi introduzida na França, em 1976, pelo sociólogo Daniel Bertaux. Para ele, há narrativa de vida quando um sujeito conta a uma outra pessoa (pesquisador ou não) um episódio qualquer de sua experiência vivida, assumindo a produção discursiva desse sujeito a forma narrativa (Bertaux, 2005).

Para o autor, que diz filiar-se a uma perspectiva realista, a narrativa de vida constitui uma descrição aproximada de uma história (objetiva e subjetivamente) vivida, o que implica distinguir a história real de uma vida da narrativa que dela é feita. Nesse sentido, há uma tensão entre realidade e ficção, pois aquele que conta sua história recolhe fragmentos do passado, conferindo-lhes nexos e contexto para se dizer no aqui-agora. Em outras palavras, uma história de vida não tem um estatuto de “verdade”, no sentido de que o pesquisador deve dar conta de uma realidade fora da linguagem, o que nos obriga a pensá-la como uma verbalização de eventos vividos ou imaginados (Canut; Sow, 2014). Posição semelhante é assumida por Charaudeau (1992), para quem nada garante que uma dada narrativa possa ser o reflexo fiel de uma realidade passada, ainda que ela tenha sido vivida pelo sujeito que (se) conta. Em suma, as lembranças de alguém são sempre reconstruções e, por isso, são histórias que oscilam entre (efeitos de) realidade e (efeitos de) ficção.

Logo, o **eu** que fala/escreve, na presente instância da enunciação, aquele do **aqui** e do **agora**, (re)cria, a partir de certos acontecimentos que protagonizou, um **outro**, aquele do **lá** e do **então**, dando, via linguagem, um melhor contorno a suas experiências de vida. Isso, porém, sem perder de vista a dimensão social em que o sujeito está inserido e que atravessa constitutivamente o que ele diz. O resultado é a “produção de uma história complexa, ao mesmo tempo, singular – já que cada sujeito é único – e compartilhada – visto que retoma tantas outras experiências já vividas (e a se viver)” (Lara, 2021, p. 120).

Nessa perspectiva, Bertaux (2005) explica que a relevância da narrativa de vida se dá quando, colocando-se em relação vários relatos sobre uma experiência vivida numa mesma situação social, é possível ultrapassar suas particularidades e chegar aos componentes coletivos dessa situação. Este artigo, por exemplo, permite, a partir de narrativas individuais, apreender traços comuns que caracterizariam, em linhas gerais, o discurso do refugiado na França.

O autor assume ainda que, no caso da narrativa de vida, trata-se de uma concepção minimalista que, como tal, a diferencia de um outro gênero próximo – a autobiografia – que incide sobre a totalidade da história de uma pessoa, o que faria dela uma narrativa de vida completa. Já na narrativa de vida (etnossociológica), o sujeito é convidado a considerar apenas em parte suas experiências, em consonância com as questões que interessam ao pesquisador (Bertaux, 2005).

Ora, se a narrativa de vida resulta do olhar retrospectivo de um sujeito que narra sua(s) experiência(s), isto é, de um *eu*, que (re)conta, restitui o que viu, ouviu, viveu, esse viés aproximaria a narrativa de vida do testemunho.

Antes de prosseguir, julgo importante discutir a condição (ou não) de gênero da narrativa de vida, já que não há um consenso entre os pesquisadores sobre essa questão. Charaudeau (2015), por exemplo, se pergunta se a narrativa de vida seria um gênero discursivo autônomo ou apenas (mais) uma etiqueta que recobre a posição de um sujeito-falante abstrato (isto é, que se encontra fora do enquadramento situacional ao contar sua vida). Já Machado (2020, 2021) admite que as narrativas de vida são materialidades discursivas que estão presentes nos diversos gêneros do discurso. Para Nossik (2014), por outro lado, a narrativa de vida é, ao mesmo tempo, um gênero de discurso específico e um lugar de liberdade discursiva, posição que assumo em minhas pesquisas. Afinal, o próprio Bakhtin (1992) já previa uma relativa estabilidade dos/nos gêneros de discurso.

Quanto ao testemunho, ele vem sendo estudado, na interface com a memória, desde os anos 1970 em disciplinas/áreas bastante diversas (teologia, filosofia,

psicologia, psicanálise, teoria literária etc.), embora sua origem esteja associada ao campo jurídico (Ginzburg, 2015). Na atualidade, muitas são as definições possíveis de testemunho: “uma fricção existente entre ‘eu-estava-lá’ e ‘eu-aqui-agora’”, num desdobramento entre o sujeito experienciador e o sujeito que rememora (Arcanjo, 2021, p. 421); “um eu passado sobre o qual o locutor assume inteira responsabilidade” (Amossy, 2004, § 6); “inscrição na memória histórica de um acontecimento que reclama sentidos” (Mariani, 2021, p. 46). O que se nota de comum nesse conjunto de definições é que o testemunho se constrói a partir de um **eu** (locutor) que fala de um passado vivenciado por ele (e/ou por seu grupo) sobre o qual ele se responsabiliza.

No Brasil, estudiosos do testemunho, como Márcio Selligman-Silva e Bethania Mariani, têm-se voltado, prioritariamente, para situações traumáticas em interface com a psicanálise. Assim, o testemunho, como um trabalho de elaborar e de narrar traumas sociais, é “uma tentativa de se escovar a história a contrapelo, abrindo espaço para aquilo que normalmente permanece esquecido, recalçado e legado a um segundo (ou último) plano” (Seligmann-Silva, 2022, p. 103).

Marco (2004, p. 45) postula “duas grandes concepções de literatura de testemunho”, a partir do século XX (considerado por muitos como a “era das catástrofes”): a reflexão sobre o holocausto e o testemunho relacionado às ditaduras latino-americanas. A autora, citando Manuel Galich, traça um panorama das características comumente atribuídas ao testemunho:

O testemunho difere da reportagem porque ele é mais extenso, trata com mais profundidade seu tema, deve apresentar uma qualidade literária superior e não é efêmero como a reportagem [...] Distingue-se da narrativa ficcional porque descarta a ficção em favor da fidelidade aos fatos narrados. Afasta-se da prosa investigativa, na medida em que exige o contato direto do autor com o ambiente, fatos ou personagens que constituem sua narração. O testemunho é diferente da biografia porque, enquanto esta escolhe contar uma vida por seu interesse individual e singular, aquele reconstitui a história de um ou mais sujeitos escolhidos pela relevância que possam ter num contexto social (Marco, 2004, p. 50).

Nesse rol de características que definem o testemunho a partir da comparação com outros gêneros, três aspectos chamam a atenção no que se refere à relação testemunho/narrativa de vida. A narrativa de vida, mesmo que seja extensa, não precisa apresentar uma qualidade literária, sobretudo porque ela se origina, em geral, de uma história coletada oralmente e de forma espontânea (Bertaux, 2005). Além disso, a narrativa de vida não descarta a ficção, já que a memória é lacunar, recorrendo o sujeito, muitas vezes, à imaginação para (se) contar. Seu valor, portanto, não reside na sua capacidade de ser comprovada. A narrativa de vida tem interesse pela história de um indivíduo, que é sempre única e insubstituível (dimensão vertical), na medida em que ela permite chegar à história da coletividade (dimensão horizontal), visto que é possível reunir “as pequenas histórias” de modo a construir a “grande história” de uma sociedade ou de uma época (Lara, 2021; 2023).

O caso da necessidade de uma “fidelidade aos fatos” faz lembrar mais o testemunho histórico ou jurídico do que propriamente uma “narrativa testemunhal” (Selligman-Silva, 2008, p. 71-72). O autor lembra que esse tipo de testemunho é descartado por muitos historiadores por ser considerado “fonte não fidedigna” ou tomado sob suspeição no domínio jurídico, pois “a ficção contamina e dissolve o teor de verdade do testemunho”, fazendo-o perder a sua chancela de “prova”.

Entretanto, no escopo da ADF, o que importa para o analista é o “dizer verdadeiro” – e não um suposto compromisso com uma “verdade” situada fora dos quadros da linguagem. Diante disso, considerando que “o testemunho é uma modalidade da memória” (Selligman-Silva, 2008, p. 73) – e que a memória é “esburacada” – o deslizamento realidade/ficção não pode ser desprezado, o que me leva a aproximar a narrativa testemunhal da narrativa de vida, que constitui um gênero com um claro viés testemunhal, já que testemunhar implica que alguém esteve no lá (e no então) e que, portanto, no aqui (e no agora) pode narrar o que foi vivido, como já comentei.



Fontanille (2007, p. 100) admite que, no caso do testemunho, não se pode falar propriamente de gênero de discurso, mas de um “pseudo-gênero” que atravessaria outros gêneros instituídos (no campo jurídico, literário etc.). O autor prefere, pois, tomar o testemunho como um “regime de crença” que pode ser convocado por uma multiplicidade de gêneros (diário, carta, romance, autobiografia etc.), modificando seu regime persuasivo. Logo, o mais adequado, a meu ver, seria falar de textos ou narrativas com teor testemunhal.

Outra ressalva importante que faço é que a narrativa de vida, tal como proponho aqui, não se relaciona exclusivamente com o trauma. No caso dos refugiados, embora também se possa falar em acontecimentos traumáticos (como a eclosão de uma guerra, de um conflito armado etc.), há acontecimentos “menores” (como a morte de um parente, uma situação de assédio) que propiciam igualmente a emergência de narrativas com teor testemunhal. Ou seja, falo de sujeitos comuns que supera(ra)m inúmeras situações cotidianas de opressão, violência e vulnerabilidade.

Ora, se o testemunho é tomado, via de regra, como um discurso de resistência, entendido como a capacidade de questionar, desafiar ou opor-se a determinados discursos ou narrativas que são percebidos como opressivos, injustos ou hegemônicos – e, no caso do trauma, esse discurso pode se opor, por exemplo, ao negacionismo (esquecer/apagar o passado), à censura (silenciamento) –, entendo que a narrativa de vida, no caso dos refugiados (e de outros sujeitos em situação de vulnerabilidade) também pode funcionar como um gesto (e um discurso) de resistência, face à invisibilidade social, ao poder instituído, aos estereótipos atrelados a certos grupos (por exemplo, invasores, delinquentes, terroristas, no que tange aos refugiados). Como ressalta Pollak (1989, p. 4), privilegiando-se a análise das “falas” dos excluídos, dos marginalizados (como é o caso dos refugiados), é possível “ressaltar as memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas se opõem à ‘memória oficial’[...]”.

Feita a reflexão em que busquei caracterizar a narrativa de vida como um gênero de discurso de teor testemunhal, bem como seu caráter de discurso de resistência, falarei brevemente da constituição do *corpus* e do dispositivo teórico-metodológico que adotei para, em seguida, analisar as duas narrativas selecionadas para este artigo.

### 3 Breves apontamentos teóricos e metodológicos

Como comentei em Lara (2021, 2023), a ADF não dispõe de nenhuma metodologia pronta: é o pesquisador que constrói, a partir dos princípios teóricos que ela oferece, o seu próprio dispositivo de análise, guiado por seu objeto, seus objetivos, suas hipóteses de trabalho, enfim, pelo material que tem em mãos. Assim, cada *corpus* exige que seu analista, de acordo com a(s) questão(ões) que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria face às suas (outras) questões. O analista detém, portanto, a última palavra na escolha das categorias que integrarão seu dispositivo de análise.

No meu caso, o dispositivo de análise será composto por alguns planos da semântica global de Maingueneau (2005, p. 79), entendida como o sistema de restrições que incide, de forma integrada, sobre os vários planos do discurso, tanto na ordem do enunciado quanto na ordem da enunciação. São eles: 1) os **temas** (que podem ser impostos, específicos, silenciados etc.), o **vocabulário** (compreendendo, de forma ampla, as nomeações/designações, os índices de avaliação, os modalizadores etc.), a *dêixis enunciativa* (que engloba as coordenadas espaciotemporais, a que acrescento a categoria de pessoa) e o **modo de enunciação** (uma “maneira de dizer” que remete a uma “maneira de ser”, o que será associado, em trabalhos posteriores do autor, à noção retórica de *éthos*)<sup>3</sup>. Esses quatro planos serão utilizados de forma mais abrangente do

---

<sup>3</sup> Além deles, Maingueneau (2005, p. 79-102) propõe mais três planos: a **intertextualidade**, o **estatuto do enunciador** e do **destinatário** e o **modo de coesão**, totalizando sete planos. Julgo, porém, que os planos escolhidos são mais produtivos para a o tipo de análise a que me proponho (ver Lara, 2021, 2023).

que faz Maingueneau. Não vejo, porém, discrepâncias entre o que ele propõe e a minha “releitura” desses planos.

Já o *corpus* foi retirado do livro *La parole est aux migrants* (2015). Trata-se de dez relatos recolhidos pelo jornalista Olivier Geai num campo de refugiados em Paris. Dados os limites de um artigo, selecionei dois narradores, buscando variar sexo, idade, país natal e grau de escolaridade, para verificar se, independentemente dessas diferenças, é possível buscar um fio condutor entre as duas narrativas. Lembro também que, embora os países de origem estejam ambos situados na África, um foi colonizado pela França (Argélia) e o outro pela Itália/Grã-Bretanha (Eritreia), implicando, portanto, línguas e culturas distintas. Vejamos.

Quadro 1 – Refugiados na França.

Nome	Sexo	País natal	Idade	Estado civil	Escolaridade
Khadija	F	Argélia	46	Solteira	Superior
Aman	M	Eritreia	26	Solteiro	Básica

Fonte: elaborado pela autora.

Apesar de a obra selecionada se propor a “dar a palavra” aos refugiados, ela não produz nenhum tipo de reflexão sobre suas histórias, lacuna que este artigo busca preencher. Além disso, reconheço com Barthes (1981) que, na transcrição da voz falada – pois as narrativas foram coletadas oralmente e depois transcritas/editadas para publicação –, perde-se a inocência exposta na fala viva e imediata, na medida em que elementos como as interrupções, as hesitações, as autocorreções etc. não são recuperados. Acredito, porém, que nessa retextualização oralidade/escrita foi possível manter as ideias principais de cada narrativa, o que é suficiente para meus propósitos.

#### 4 Refugiados na França e suas histórias

Para Bernardot (2019), a migração modelou a demografia francesa, ao longo dos séculos XIX e XX, de tal forma que hoje um francês em cada três tem pelo menos

um dos avós estrangeiro. Já os dados disponibilizados pelo relatório de atividades 2022 do Office Français de Protection des Réfugiés et Apatrides (Ofpra) informam que a França computava, em 31 dezembro de 2022, 547.102 refugiados<sup>4</sup>, sendo grande parte deles oriundos de ex-colônias. Conforme constata Bisiaux (2021), os sujeitos migrantes mais visados atualmente são aqueles vindos da África, bem como as populações de religião muçulmana, questão frequentemente alimentada por posições políticas de extrema-direita, o que gera atitudes e discursos discriminatórios e xenófobos.

Diante desse contexto, relembro meu objetivo de “dar voz” aos refugiados para que eles contem a sua própria história e, dessa forma, lancem um novo olhar sobre sua experiência migratória. No âmbito dos temas, uma primeira leitura das duas narrativas selecionadas, em consonância com as perguntas feitas na Introdução, permite observar três eixos temáticos, que serão utilizados para nortear a reflexão: ET1: a vida no país natal e as motivações para a travessia; ET2: o trajeto até o território francês; ET3: a acolhida e a regularização na França. Dentro desses eixos, buscarei temas “menores”, que podem ser impostos ou específicos<sup>5</sup> e que serão agrupados no final de cada análise. Esclareço que o plano do vocabulário será trabalhado juntamente com os outros planos (sobretudo, o plano dos temas). Começarei a análise por Khadija, a única mulher do grupo de dez refugiados entrevistados por Olivier Geai.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.unhcr.org/fr-fr/en-france/le-hcr-en-france>. Acesso em: 23 maio 2024.

<sup>5</sup> **Temas impostos** são aqueles que não podem faltar a um discurso para que ele seja bem aceito; já os **temas específicos** são próprios a um dado discurso (Maingueneau, 2005). Embora teoricamente a distinção seja clara, na prática, tais categorias muitas vezes se embaralharam, como se verá na seção 4.1.

## 4 1 Eixos Temáticos

### 4 1 1 Eixos temáticos na narrativa de Khadija

Em relação a ET1, Khadija conta que nasceu na Argélia. Com 46 anos quando foi entrevistada, era solteira e não tinha filhos. Formou-se em Literatura Inglesa (1989), o que lhe permitiu trabalhar por seis anos numa universidade até que, recusando-se a aceitar uma tentativa de corrupção, foi demitida. Em 2000, foi recrutada por uma empresa audiovisual francesa no norte do país. Ficou lá por quatro anos, mas desistiu em função do terrorismo, bem como do local e da atividade, que não lhe davam vontade de continuar. Em 2005, trabalhou junto a um grande grupo britânico com o qual aprendeu muito, mas reclama que sua condição de mulher solteira não contava a seu favor. Posteriormente, o mesmo grupo a enviou ao sul do país para exercer a função de intérprete, mas o relacionamento com seu superior não deu certo. E aí emerge, na sua narrativa, uma longa fala sobre o machismo. Vejamos<sup>6</sup>:

(T1) É preciso saber que se você não é casada e decide trabalhar no meio de homens, você assume a responsabilidade de se expor ao machismo. [...] É preciso dizer que ele [meu superior] me acusou de dormir com homens da empresa. Eu bem que tentei me defender, eu bem que tentei dizer que era mentira, mas minha palavra de mulher não tinha nenhum peso face à palavra dele [...] <sup>7</sup> (Geai, 2015, p. 52).

Em (T1), os termos empregados: **machismo**, **dormir** (com homens), **mentira**, (palavra) **sem peso** denotam uma sociedade patriarcal, que ainda considera a mulher um ser inferior a serviço do homem. O fato é que Khadija não conseguiu se defender

---

<sup>6</sup> Os trechos reproduzidos serão numerados (T1, T2 e assim por diante), a fim de facilitar a remissão a eles. Esclareço ainda que as traduções são de minha responsabilidade.

<sup>7</sup> No original: "Il faut savoir que si tu n'es pas mariée et que tu décides de travailler dans un milieu d'hommes, tu prends alors la responsabilité de t'exposer au machisme. [...] Il faut dire qu'il [mon responsable] m'a accusé de coucher avec des hommes de l'établissement. J'ai bien essayé de me défendre, j'ai bien tenté de dire que ces mots n'étaient que des mensonges, mais ma parole de femme n'avait aucun poids face à la sienne [...]".

e acabou sendo transferida para um outro serviço inferior à sua competência profissional. Em 2013, sua vida foi abalada pela morte do pai e, seis meses depois, houve um atentado no local onde ela trabalhava, gerando insegurança. Esses dois acontecimentos trágicos, somados à constatação de que a condição feminina na Argélia era bastante precária para as mulheres que queriam se emancipar, serviram de motivação para que Khadija decidisse abandonar seu país e recomeçar a vida em outro lugar.

A argelina não explica como saiu do seu país natal e chegou à França (ET2), isto é, trata-se de um tema silenciado em sua narrativa. Podemos supor, entretanto, que ela provavelmente possuía recursos financeiros para viajar com certo conforto. O que ela relata é que, como tinha uma amiga de infância em Rennes, França, foi para lá que se dirigiu inicialmente. Mais tarde, recebeu o convite de amigos de seus pais que moravam em Paris para ir ter com eles, a fim de discutir seu futuro.

Em Paris, Khadija consultou um advogado que cobrou caro e lhe deu apenas sugestões vagas, o que a fez desistir de tentar regularizar sua situação na França por esse caminho. E já aqui aparece a exploração de sujeitos em situação de vulnerabilidade por aqueles que ocupam uma posição privilegiada. Foi nesse momento que começou a saga da argelina em busca de regularização, uma vez que ela tinha um visto válido, mas que expiraria em breve (ET3). No metrô, ela conheceu uma senhora que sugeriu que ela ligasse para o número 115 para solicitar um abrigo de urgência. Primeira decepção. Conforme lhe disse o atendente:

(T2) Madame, a senhora parece ter cultura e um percurso profissional muito importante. A senhora é muito instruída para que eu a coloque no dispositivo do 115. Nesse dispositivo há muitos drogados, alcólatras e ladrões... Se a senhora está em boa condição, acredite em mim, evite. Saiba também que se seu visto ainda é válido, a senhora não pode usufruir desse dispositivo. É preciso saber que, na França, para beneficiar de vantagens

sociais, é preciso estar na irregularidade<sup>8</sup> (Geai, 2015, p. 54-55).

Em (T2), a fala que o atendente dirige a Khadija mostra que ela é “penalizada” por ser uma pessoa de bem: **ter cultura, ser instruída, ter um percurso profissional importante** e ainda ter um visto válido, ou seja, por não ser **drogada, alcóolatra ou ladra** (tipo de gente ligada ao dispositivo 115) ou estar em situação irregular. E aqui é possível constatar que, por não ser considerada uma refugiada (apesar do atentado que sofreu), mas uma migrante que se deslocou por vontade própria, Khadija não é, em princípio, elegível para conseguir um abrigo ou receber benefícios do governo francês. Ou seja, há uma clara inversão de valores.

O fato é que Khadija conheceu uma outra pessoa que lhe indicou uma associação num bairro popular de Paris. Ela conta como foi sua (des)acolhida nesse lugar:

(T3) Às 8h30, um guarda saiu para nos insultar porque não estávamos devidamente ordenados na fila. Pensando que suas palavras não bastavam, ele puxou uma corrente de metal e nos obrigou a fazer fila. [...] Esse mesmo homem então voltou para nos rebaixar um pouco mais. Não deveríamos mais nos mover, caso contrário não entraríamos nas instalações. [...] Aí, de repente, saíram três guardas e começaram a gritar: “Vamos, vamos, corram, entrem, andem logo”. Essas pessoas nos trataram como gado [...]<sup>9</sup> (Geai, 2015, p. 56).

A violência verbal (gritos, insultos, ameaças) com que Khadija foi recebida nessa associação, chamada, ironicamente, *France terre d’asile* (França terra de asilo), revela

---

<sup>8</sup> No original: “Madame, vous semblez avoir une culture et un parcours professionnel très important. Vous êtes beaucoup trop instruite pour que je vous mette dans le dispositif du 115. Dans ce dispositif, il y a beaucoup de drogués, d’alcooliques et de voleurs... Si vous êtes en bonne forme, croyez-moi, évitez. Sachez aussi que votre visa étant toujours valide, vous ne pouvez jouir de ce dispositif. Il faut savoir qu’en France, pour bénéficier des avantages sociaux, il faut être dans l’irrégularité [...]”.

<sup>9</sup> No original: “À 8h30, un gardien est sorti pour nous insulter parce que nous n’étions pas correctement ordonnés en file d’attente. Songeant que ces mots ne suffisaient pas, il dégaina une chaîne métallique pour nous obliger à nous aligner. [...] Ce même homme est ensuite revenu afin de nous rabaisser encore un peu plus. Nous ne devions plus bouger sous peine de ne pas pénétrer dans les locaux. [...]. Puis, d’un coup, trois gardiens sont sortis et ont commencé à crier: ‘Allez, allez, courez, entrez, dépêchez-vous!’. Ces personnes nous traitaient comme du bétail [...]”.

discriminação e intolerância da parte dos nativos em relação aos estrangeiros. O vocábulo **gado**, usado pela argelina para comparar a forma como se sentiu na ocasião, é bastante sintomático para indicar a desumanização do outro, o que faz lembrar as filas e marchas conduzidas pelos nazistas nos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial.

À violência vai se somar o descaso. Khadija recebeu de uma atendente da *France terre d'asile* a promessa de que seria chamada novamente no dia seguinte. Não foi. Depois de três dias sem nenhuma notícia, voltou à associação e passou pelo mesmo tratamento insultuoso e ameaçador para só então descobrir que tinha sido completamente esquecida. A atendente acabou por lhe indicar um centro de abrigo e reinserção social a que ela se dirigiu imediatamente. Vejamos a descrição do quarto disponibilizado para Khadija:

(T4) Havia uma televisão montada no teto, um armário para guardar as coisas e duas camas. Não havia banheiro ou chuveiro, apenas uma pequena pia. Ao ver o colchão e os lençóis, acreditei que fosse vomitar só de pensar em dormir ali dentro. Tive a imagem sombria de viver num campo insalubre ou numa cela de prisão. Como despedida, o homem da recepção apontou o cachorro que estava lá fora e me informou: “Cuidado com ele, porque se ele não te reconhecer você corre o risco de ter problemas”. [...] Fiquei com muito medo...<sup>10</sup> (Geai, 2015, p. 58).

Em (T4), palavras e expressões como **vomitar**, **imagem sombria**, **campo insalubre**, **cela de prisão** dão conta da situação do quarto: a de precariedade absoluta. Além disso, Khadija é ameaçada pela presença do cachorro que funcionaria como uma

---

<sup>10</sup> No original: “Il y avait une télévision fixée au plafond, un casier pour ranger les affaires et deux lits. Il n’y avait pas de toilettes, ni de douche, simplement un petit lavabo. À la vue du matelas et des draps, j’ai cru vomir à l’idée d’y dormir dedans. J’avais la sombre image de vivre dans un camp insalubre ou dans une cellule de prison. À guise d’au revoir, l’homme de l’accueil designa le chien qui se trouvait dehors et m’informa: ‘Faites attention à lui, car s’il ne vous reconnaît pas, vous risquez d’avoir des soucis.’ [...] J’avais si peur...”.



espécie de guardião do local, e a rede lexical **cuidado, risco, problemas**, culminando com **medo** denotam a forma como Khadija se sentiu em sua nova habitação.

A argelina retornou outras vezes à *France terre d'asile* para continuar o processo de regularização, passando sempre pelo mesmo tratamento humilhante. Recebeu, finalmente uma carta de registro do OFPRA. Novas dificuldades, agora burocráticas: os documentos explicativos fornecidos pela instituição eram incompreensíveis, trazendo termos muito complicados. Se Khadija, que dominava o francês, teve problemas para entender os referidos documentos, que dirá um não falante da língua?

De qualquer forma, a primeira exigência para a regularização era a de se dirigir ao banco postal para abrir uma conta. Lá, a argelina foi insultada por uma mulher, numa clara manifestação de xenofobia, como mostram os verbos **irritar** e **feder**: “Esses estrangeiros nos irritam, eles fedem.” [*“Ils nous font chier ces étrangers, ils puent.”* (Geai, 2015, p. 59)]. E a burocracia continuou: Khadija não conseguia abrir a conta porque não tinha endereço fixo. Apenas depois de três tentativas fracassadas é que ela encontrou uma pessoa disposta a escutá-la e a tranquilizá-la, conseguindo, enfim, abrir a tal conta.

Dirigindo-se, em seguida, a um centro de empregos para refugiados, Khadija foi, mais uma vez, humilhada e maltratada. Ela revela que as pessoas na fila para atendimento sofriam violências verbais que se tornavam físicas, se elas não obedecessem às ordens “[...] *ces violences verbales qui devenaient physiques si nous n'acceptions pas la soumission.*” (Geai, 2015, p. 61). Mais tarde, contaram-lhe que esse tipo de atitude era uma forma de desencorajar as pessoas a recorrerem ao centro. Uma associação para ajudar refugiados que se comporta dessa forma é, no mínimo, paradoxal. Enfim, todos os procedimentos administrativos se desenvolveram com lentidão e burocracia, revelando a ineficiência do Estado em acolher refugiados, como admite Agier (2018).

Finalmente, Khadija recebeu do OFPRA seu estatuto de refugiada. Apesar de tudo o que passou na instituição (sobretudo questões burocráticas), admite que foi o único local em que ela foi atendida com gentileza. Reconhece, por outro lado, as dificuldades inerentes à nova etapa de instalação e à vida cotidiana. Com os mesmos direitos de todos os cidadãos franceses, ela não conseguiu, porém, deixar o abrigo para alugar um apartamento por falta de um fiador, algo que Khadija não compreendia, pois, afinal, ela tinha recursos financeiros para isso. Ela obteve um contrato de trabalho de duração indeterminada, graças às suas aptidões linguísticas e, mesmo não sabendo de suas condições de vida, sua família na Argélia a via como a esperança de um futuro melhor.

Em suma, entre os temas impostos, temos a insegurança/terrorismo, em ET1; o desacolhimento, a violência (verbal), o descaso, a desumanização, a precariedade, a burocracia, a xenofobia e a dificuldade de instalação, em ET3. Quanto aos temas específicos, cito, por exemplo, o machismo e a corrupção, em ET1 e a esperança em ET3. Lembro que Khadija nada diz sobre seu trajeto até a França em ET2 (tema silenciado). Assim, ela trocou a insegurança e o machismo de seu país natal, pelo medo, pela humilhação, pelos maus-tratos no novo país (com raras exceções), a ponto de ela se perguntar, num dado momento, se teria tomado a decisão correta de migrar para a França. Ela parecia, porém, confiante quanto ao futuro.

#### **4.1.2 Eixos temáticos na narrativa de Aman**

Muito mais sucinto do que Khadija, Aman, em ET1, conta que nasceu na Eritreia. Ele tinha 26 anos de idade e era solteiro por ocasião da entrevista. Informa que teve que deixar a escola (no 6º ano) para ajudar o pai no sustento da família, já que eles eram oito irmãos. Diferentemente da argelina, ele discorre longamente sobre a situação política de seu país natal, sob o comando do ditador Issaias Afeworki, que não admitia oposição a seu governo. Menciona também que dois de seus irmãos foram obrigados a se alistarem no exército e morreram em combate. Constatamos, pois, a

ausência de liberdade, a insegurança e a violência que Aman vivenciava na Eritreia como motivações para a migração. Além disso, ele era obrigado a fazer um pouco de tudo para sobreviver e ajudar a família (carregar compras, vender pequenas coisas etc.).

Foi isso que o levou, aos 11 anos de idade (em 2000), a trocar o país natal pelo Sudão, acreditando que a vida lá seria menos dura. Essa percepção se revelaria falsa, como mostram suas palavras: “No Sudão, a vida também não era mais calma, eu via a violência cotidianamente.” [*“Au Soudan, la vie n’était pas calme non plus, je voyais de la violence quotidiennement.”* (Geai, 2015, p. 80)].

Aman passou cinco anos no Sudão, antes de retornar à Eritreia, aos 16 anos. Reconhecendo que seu país não havia mudado em nada nesse período, passou três anos lá, junto à família, fazendo biscates, mas resolveu partir novamente para o Sudão. Confessa que era difícil para ele viver num país em que o sujeito não sabia se voltaria para casa. Foi a última vez que ele viu a família. Em 2014, Aman foi para Cartum, capital do Sudão, onde ficou um mês trabalhando de modo a preparar sua migração para a Europa. Relata que juntou dinheiro suficiente para pagar a viagem junto aos coiotes (*passseurs*).

Um dia o coiote sudanês comunicou-lhe que ele partiria em algumas horas rumo à Líbia e indicou o lugar de encontro. Vejamos as condições da primeira parte do trajeto de Aman, já em ET2, eixo em que se insere uma parte substancial de sua narrativa, ao contrário de Khadija, que, como vimos, silencia sobre esse tema, preferindo investir mais em questões referentes à sua regularização/integração ao novo país:

(T5) Chegando lá, entrei num 4x4, tipo pick-up. Não havia nem um centímetro livre. Estávamos amontoados. Fui avisado de que, se caísse, não adiantaria gritar porque ninguém iria parar. [...] Depois de alguns dias de viagem, o carro parou e tivemos que descer. Estávamos bem no meio do deserto, onde os líbios nos esperavam para dar sequência à viagem. [...] Durante três semanas sofremos com o calor durante o dia, com o frio à noite, com a sede, com a fome, com a doença e com a violência dos nossos coiotes. Vários dos meus companheiros morreram

durante o caminho<sup>11</sup> (Geai, 2015, p. 81).

Em (T5), a rede lexical formada por **amontoados, calor, frio, sede, fome, doença, morte** (morreram) e **violência** ilustra a precariedade e o perigo da viagem, além da brutalidade dos coiotes. Mas as dificuldades não pararam por aí. Chegando à Líbia, Aman esperou alguns dias até encontrar uma embarcação rumo à Itália. Em suas palavras,

(T6) Então entrei num barco, mas não tenho certeza se esse termo é apropriado. Eu tenderia a chamar isso de “uma balsa”. Éramos 700 que sonhavam em ingressar neste cobiçado continente. Estávamos empilhados. Os dias foram passando, e a falta d’água foi cruelmente sentida a partir do terceiro [dia]. Nós realmente nos perguntávamos se alcançaríamos nosso objetivo ou morreríamos primeiro. Depois de cinco dias, um barco de bandeira francesa nos salvou. Não posso usar outro verbo que não seja “salvar” [...]. A cada momento a morte te espreita e pode te pegar de surpresa, a qualquer segundo tudo pode mudar<sup>12</sup> (Geai, 2015, p. 82).

Novamente, em (T6), termos como **balsa, empilhados, falta d’água, cruelmente, morte, salvar** formam uma rede lexical que reafirma a complexidade e o perigo do trajeto no mar. A descrição de Aman faz lembrar os barcos abarrotados de refugiados que as mídias exibem com frequência. É possível observar, nesse caso, que a (hiper)visibilidade midiática contrasta com a invisibilidade social/política desses sujeitos (Agier, 2018).

---

<sup>11</sup> No original: “Arrivé sur place, je suis monté dans un 4x4, type pick-up. Il ne restait pas un centimètre de libre. Nous étions entassés les uns contre les autres. On m’avait prévenu que si jamais je tombais, il ne servait à rien de crier parce que personne ne s’arrêterait. [...] Au bout de quelques jours de trajet, la voiture s’est arrêtée et nous avons dû descendre. Nous étions au beau milieu du désert, où des Lybiens nous attendaient là pour la suite du voyage. [...] Durant trois semaines, nous avons souffert de la chaleur la journée, du froid la nuit, de la soif, de la faim, de la maladie et de la violence de nos passeurs. Plusieurs de mes compagnons sont morts lors de ce passage”.

<sup>12</sup> No original: “Je suis donc monté sur un bateau, mais je ne suis pas certain que ce terme soit approprié. J’aurais tendance à nommer cela ‘un radeau’. Nous étions 700 à rêver de rejoindre ce continent tant convoité. Nous étions entassés. Les jours passaient, et le manque d’eau se fit cruellement sentir au bout du troisième [jour]. On se demandait vraiment si nous allions arriver à notre but ou mourir avant. Au bout de cinq jours, un bateau sous drapeau français nous a sauvés. Je ne peux pas employer un autre verb que celui de ‘sauver’ [...]. À chaque instant, la mort vous guette et peut vous prendre par surprise, à chaque seconde, tout peut basculer”.

O barco francês deixou os refugiados na Sicília, Itália. Eles foram imediatamente levados a um centro de recepção, onde se recusaram a fornecer suas impressões digitais, pois, segundo Aman, eles tinham conhecimento dos acordos de Dublin<sup>13</sup>. Em outras palavras, como eles não queriam ficar na Itália, não forneceram suas impressões digitais, o que resultou numa onda de violência contra eles: os policiais os agrediram fisicamente como se eles fossem “animais raivosos” (*animaux enragés*). E aqui, à semelhança do que disse Khadija em sua narrativa, a comparação com animais resulta na desumanização dos sujeitos e na conseqüente violência contra eles.

Felizmente, muitos refugiados conseguiram fugir até Milão, passando por Ventimiglia, ainda em solo italiano. De lá Aman tentou ir clandestinamente de trem para Nice, no território francês. Fez várias tentativas, durante alguns dias, até conseguir. De Nice ele tomou outro trem, também de forma clandestina, para a capital francesa. Chegando a Paris (ET3), Aman não teve uma acolhida muito melhor do que aquela que recebeu na sua passagem pela Sicília. Como ele mesmo conta:

(T7) Depois que estou em Paris cerca de seis meses, morei cinco meses no campo de La Chapelle, depois, no dia 8 de junho, durante a evacuação policial, fui ferido por vários deles. Tive que ficar dois dias em observação num hospital. Fui então juntar-me aos meus camaradas expulsos em Bois Dormoy, um pequeno parque gerido por uma associação que nos abriu generosamente suas portas. Depois de outra evacuação, passamos alguns dias no parque Éole<sup>14</sup> (Geai, 2015, p. 83-84).

---

<sup>13</sup> O Regulamento de Dublin, que nasceu em 1990, passou à prática em 1997 e sofreu várias revisões, estabelece uma hierarquia de critérios para identificar o Estado-Membro responsável pela análise de um pedido de asilo na Europa. Este é predominantemente concedido com base em laços familiares, seguido de responsabilidade atribuída ao Estado através do qual o requerente de asilo entrou primeiro. Disponível em: <https://pt.euronews.com/2015/09/10/migracao-regulamento-de-dublin-comeca-a-abrir-bechas-na-uniao-europeia>. Acesso em: 24 maio 2024.

<sup>14</sup> No original: “Depuis que je suis à Paris, environ six mois, j’ai vécu cinq mois dans le camp de La Chapelle, puis, le 8 juin, lors de l’évacuation policière, j’ai été blessé par plusieurs d’entre eux. J’ai dû rester deux jours en observation au sein d’un établissement hospitalier. Je suis allé ensuite rejoindre mes camarades expulsés au Bois Dormoy, petit parq géré par une association qui nous ouvrait généreusement ses portes. Après une autre évacuation, nous avons passé quelques jours au parq Éole”.

Nova onda de violência contra Aman e os demais refugiados (**evacuação policial, ferido, hospital, outra evacuação**) pode ser constatada em (T7). Ainda no parque Éole, Aman teve a sorte de conseguir abrigo num centro de acolhida, enquanto seguia os procedimentos para obter asilo, mas confessa que muitos de seus compatriotas ainda permaneciam na rua. E, embora reconhecesse que os franceses não amam os refugiados, esperava poder ficar na “terra dos direitos do homem”, vivendo livremente e sem perigo.

Em suma, como temas impostos, temos a opressão, a violência e a instabilidade, em ET1; a precariedade, o perigo e os maus-tratos, em ET2; o desacolhimento, a violência (física e verbal), a desumanização e a xenofobia, em ET3. Como temas específicos, cito, por exemplo, a descrição da situação política da Eritreia, em ET1; a fuga e a clandestinidade rumo a Paris, em ET2, mas também a esperança, em ET3.

Há, portanto, temas que se repetem nas duas narrativas (violência verbal e/ou física, desacolhimento, desumanização, xenofobia), caracterizando traços comuns do ponto de vista do plano dos temas. Isso reafirma a ineficácia dos Estados no que tange à hospitalidade aos refugiados e sua hostilidade face a esse público, o que é, frequentemente, substituído por gestos individuais ou coletivos de solidariedade (a senhora no metrô e o funcionário atencioso do banco, no caso de Khadija; a associação do parque Bois Dormoy no caso de Aman).

#### **4.2 A dêixis enunciativa nas narrativas de Khadija e de Aman**

Como observei em Lara (2021; 2023), a dêixis é, geralmente, classificada segundo três domínios relativos à situação de enunciação: pessoa, espaço e tempo. Porém, muitos pesquisadores (incluindo o próprio Maingueneau no âmbito de sua semântica global) utilizam essa noção apenas do ponto de vista espaciotemporal: aqui-agora *vs.* lá-então. Começo, pois, pelas coordenadas espaciotemporais nas narrativas de vida selecionadas, lembrando que, para Maingueneau (2005), não interessam datas

ou lugares precisos, mas a cena e a cronologia construídas pelo discurso para legitimar e autorizar sua enunciação.

Nesse sentido, as duas narrativas abordam um aqui-agora (na França no presente), que se contrapõe a um lá-então (no país natal – e em outros países, no caso de Aman –, no passado). Essas duas “pontas” são articuladas pelo processo de deslocamento entre países. Como já examinei o que se passa nesses momentos/lugares específicos ao longo da exploração dos temas, passo a falar da categoria de pessoa, que, como foi dito, acrescento às coordenadas espaciotemporais de Maingueneau (2005), por considerar sua importância na/para a narrativa de vida.

Como seria de esperar em se tratando desse gênero de discurso, predomina largamente o uso da 1ª. pessoa do singular: um *eu* que (se) conta ao outro, como pôde ser constatado nos vários trechos apresentados. Esse **eu** pode, no entanto, deslizar para um **nós** (exclusivo): eu + meus familiares, eu + meus amigos, eu + meus companheiros de viagem, eu + outros refugiados..., expressando o pertencimento do narrador a um grupo mais ou menos vasto com o qual ele partilha valores, sentimentos, pontos de vista. O **nós** (refugiados), em vários momentos, se opõe ao **eles** (franceses ou nativos de outros países), desvelando uma oposição entre inferioridade (vulnerabilidade) e superioridade (força e poder). Seguem exemplos, retirados de trechos já reproduzidos:

- a) Às 8h30, um guarda saiu para nos insultar porque não estávamos devidamente ordenados na fila. Nós = eu + outros migrantes/refugiados na fila de espera – Khadija;
- b) [...] um pequeno parque gerido por uma associação que nos abriu generosamente suas portas. Depois de outra evacuação, passamos alguns dias no parque Éole. Nós = eu + meus camaradas (expulsos de La Chapelle) - Aman;
- c) Aí, de repente, saíram três guardas e começaram a gritar [...]. Essas pessoas nos trataram como gado. Oposição: eles (guardas franceses) vs. nós (refugiados) - Khadija;
- d) Estávamos bem no meio do deserto, onde os líbios nos esperavam para dar sequência à viagem. [...] Durante três semanas sofremos com o calor durante o dia, com o frio à noite, com a sede, com a fome, com as doenças e com a violência dos nossos coiotes. Oposição: eles (líbios) vs. nós

(refugiados).

Aparece também, nas duas narrativas, o tu/você (*tu/vous*) genérico, significando qualquer um na mesma situação, como mostram estes dois exemplos (também retirados dos trechos reproduzidos anteriormente):

- a) É preciso saber que se você não é casada e decide trabalhar no meio de homens, você assume a responsabilidade de se expor ao machismo. Você = qualquer mulher na mesma situação: solteira e trabalhando num meio predominantemente masculino – Khadija;
- b) A cada momento a morte te espregueia e pode te pegar de surpresa. Tu/te = qualquer pessoa que esteja numa balsa no meio do mar – Aman.

O tu/você (*tu/vous*) é também usado num trecho em discurso direto na narrativa de vida de Khadija (ver (T2), quando ela relata o que lhe disse o atendente do número 115). Com isso, cria-se um efeito de sentido de realidade, como se Khadija estivesse reproduzindo as palavras exatas do atendente. Trata-se, porém, de um recurso utilizado uma única vez pela argelina e nenhuma, pelo eritreu.

Em suma, se a utilização do *eu* sobressai nas narrativas de vida, visto que não há outra forma de (se) contar ao outro sem utilizar a 1ª pessoa do singular, é preciso considerar também casos em que há um deslizamento para o **nós** (exclusivo), que pode ser mobilizado para se opor ao **eles**, além do uso do **tu/você** (com caráter genérico). Já do ponto de vista espaciotemporal, ocorre, em linhas gerais, uma oposição entre o **aqui-agora** e o **lá-então**, sinalizando duas (ou mais) etapas importantes na vida dos sujeitos deslocados que têm como ponto de ligação a experiência migratória. Afinal, falar de um evento migratório é, antes de tudo, considerar um antes e um depois (Deprez, 2002).

#### 4.3 O modo de enunciação: o éthos de Khadija e de Aman

O último plano da semântica global que mobilizo no meu dispositivo de análise é o modo de enunciação. Como comentei em Lara (2021; 2023), o discurso, mesmo



quando escrito, tem uma “voz” própria, que institui “uma maneira de dizer específica” (Maingueneau, 2005, p. 94) que pode ser apreendida em aspectos como o tom do texto, sua fluência, seu ritmo, a escolha das palavras e dos argumentos etc. Ora, essa “maneira de dizer”, que remete a “uma maneira de ser”, vai ser associada em trabalhos posteriores do autor (ver, por exemplo, Maingueneau, 2006; 2008; 2020) ao *éthos retórico*, ou seja, à imagem de si que orador constrói no/pelo discurso. Essa imagem está ligada às representações coletivas, aos estereótipos, avaliados positiva ou negativamente, que o destinatário associa ao “fiador” do discurso e que a própria enunciação contribui para reforçar ou transformar (Maingueneau, 2006).

Em se tratando de textos com teor testemunhal, como é caso das narrativas de vida, o *éthos* assume importância fundamental. Como afirma Amossy (2004), o discurso testemunhal se baseia na autoridade daquele que pode dizer “eu estive lá”. Assim, o *éthos* está no centro do discurso testemunhal tanto no nível do enunciado quando no nível da enunciação. Também Fontanille (2007, p. 87) admite que o *éthos*, no sentido canônico de “imagem do enunciatário”, funciona como uma prova de credenciamento do enunciado. Além disso, na opinião do autor, o *éthos* compreende uma parte de *páthos* integrado, e o *páthos* (ou seja, os efeitos produzidos nos enunciatários) compreende uma parte de *éthos* projetado.

Mas que imagem(ns) Khadija e Aman projetam pelo seu modo de enunciação? Ambos, ao longo de suas narrativas, constroem uma imagem (um *éthos*) de fragilidade e de frustração diante das várias situações que enfrentam, o que suscita no outro (leitor) empatia e mesmo indignação (ver, por exemplo, os trechos (T3) e (T5), apresentados anteriormente), confirmando o que diz Fontanille (2007) sobre a integração *éthos/páthos* e, de certa forma, retomando os estereótipos que a opinião pública tem sobre quem são e como vivem os refugiados.

Há também, por vezes, um viés *ethótico* de crítica, pois ambos percebem o inusitado de certas situações. É o caso de Khadija quando menciona a dificuldade de preenchimento dos documentos do OFPRA:

(T8) Finalmente pude iniciar os procedimentos para acionar meus direitos. Apesar do meu conhecimento da língua francesa, não conseguia compreender o jargão explicativo dos papéis. Eles usavam termos realmente complicados de entender. Coloquei-me então no lugar de uma pessoa que não falava a língua...<sup>15</sup> (Geai, 2015, p. 59).

**Não compreender, jargão, termos complicados, pessoa que não falava a língua** mostram a incoerência de se tentar preencher documentos para pedido de asilo expressos numa linguagem incompreensível, mesmo para falantes da língua francesa. Esse mesmo viés crítico pode ser encontrado quando Aman compara o barco em que viajava a uma balsa (“Então entrei em um barco, mas não tenho certeza se esse termo é apropriado. Eu tenderia a chamar isso de ‘uma balsa’”).

No final das respectivas narrativas, aparece um “tom” de esperança quanto ao porvir. Khadija, por exemplo, depois de falar rapidamente de seu passado, que ela avalia como **doloroso**, afirma em relação à sua família: “Hoje eu sei que eu sou a esperança deles. Sim, eu sou a esperança da minha família.” [*“Aujourd’hui, je sais que je suis leur espoir. Oui, je suis l’espoir de ma famille.”* (Geai, 2015, p. 62)]. E a repetição, reafirmada pelo advérbio *oui* (sim) do segundo enunciado, não deixa dúvidas quanto à expectativa positiva que a argelina tem de poder amparar sua família no futuro.

Essas múltiplas “faces” de Khadija e de Aman, a meu ver, podem ser articuladas em torno de um *éthos* maior: o de resiliência, referindo-se à capacidade do sujeito de se adaptar a mudanças, de se recuperar após enfrentar situações desafiadoras, adversidades ou crises. Esse *éthos* pode ser visto, com clareza, nesta fala final de Aman:

(T9) Já vivenciei muita coisa na minha vida, agora só sonho em viver livremente sem ter que arriscar minha vida diariamente [...] Seja eu ou meus companheiros de viagem, somos apenas refugiados que têm como um só desejo experimentar a paz e a serenidade. Perdi dois irmãos nos conflitos armados ligados à ditadura do meu

---

<sup>15</sup> No original: “J’ai pu alors enfin commencer mes démarches quant à l’ouverture de mes droites. Malgré mes connaissances sur la langue française, je n’arrivais pas à comprendre le charabia explicatif sur les papiers. Ils utilisaient des termes vraiment compliqués à comprendre. Je me suis mise alors à la place d’une personne ne parlant pas la langue...”

país, o resto da minha família está lá na Eritreia, as minhas raízes também estão lá, e eu, eu estou aqui. Corri todos esses riscos pela chance de prosperar. Então, mesmo que esse desafio esteja longe de ser vencido, não voltarei atrás, pois quero acreditar que o meu “amanhã” está aqui [...]”<sup>16</sup> (Geai, 2015, p. 84-85).

Em (T9), **arriscar a vida, perder irmãos, conflitos armados, ditadura, riscos, desafios** mostram muitas das adversidades que Aman teve que enfrentar para que pudesse, enfim, imprimir à sua vida um novo rumo, ou seja, ter **paz, serenidade** e a **chance de prosperar**, assim como, numa “terra resiliente”, a vida retorna com nova vegetação, após um incêndio ou inundação, como afirma Machado (2021, p. 153), utilizando uma metáfora de Boris Cyrulnik.

Terminada a análise das narrativas de vida pelos planos da semântica global, parto para a conclusão, acreditando ter cumprido o objetivo de, dando voz a dois refugiados – sujeitos em situação de vulnerabilidade, que representam tantos outros na França e no mundo –, permitir que eles tenham maior visibilidade/audibilidade sociais.

## 5 Conclusão

O trabalho aqui empreendido comprova, a meu ver, o teor testemunhal do gênero “narrativa de vida”. Afinal, quando conta a outrem um episódio qualquer da sua vida – no caso, a experiência migratória –, o sujeito recupera, no presente da enunciação, marcas de um passado que viu, ouviu, vivenciou, colocando-se como fiador do que é dito. Ao mesmo tempo, traz um gesto (e um discurso) de resistência para desestabilizar o discurso oficial e os estereótipos que costumam ser associados a certos grupos minoritários: no caso dos refugiados, os de que eles ameaçam a

---

<sup>16</sup> No original: “J’ai vécu beaucoup de choses dans ma vie, je ne rêve dorénavant que de vivre librement sans devoir risquer ma vie quotidiennement [...] Que ce soit moi ou mes compagnons de voyage, nous sommes juste des réfugiés qui avons comme unique désir de connaître la paix et la sérénité. J’ai perdu deux frères dans les conflits armés liés à la dictature de mon pays, le reste de ma famille est là-bas en Érythrée, mes racines y sont aussi, et moi, je suis ici. J’ai pris tous ces risques pour avoir la chance de m’épanouir. Alors, même si ce défi est loin d’être gagné, je ne ferai pas machine arrière, car je veux croire que mon ‘demain’ est ici [...]”.

segurança e a identidade nacionais, de que usurpam o trabalho e os direitos dos legítimos cidadãos etc. Não é à toa que Aman afirma em (T9) que ele e seus companheiros são “apenas refugiados que têm como um só desejo a paz e a serenidade”.

Se cada história é única e seu sujeito, singular – como vimos com as trajetórias e as narrativas de Khadija e Aman, que, inclusive, enfatizam etapas distintas de suas vivências –, é possível apreender aspectos que responderiam por um discurso comum do sujeito refugiado, ainda que os resultados não possam ser generalizados sem um estudo mais amplo e profundo.

Entre esses aspectos comuns, destaco: 1) temas que se repetem nas duas narrativas de vida: **desacolhimento, violência (verbal e física), precariedade, desumanização, xenofobia**, revelando Estados despreparados para lidar com “seus” refugiados, como já afirmei; 2) uso predominante da 1ª. pessoa do singular, o que é compatível com o que se espera da narrativa de vida, sendo esse *eu* desdobrado entre um passado e um presente, entre o país natal (e outros países) e o país final de migração, dois tempos/lugares que se ligam pelo “fio” da experiência migratória; 3) a construção de um *éthos* de resiliência, ou seja, de pessoas que souberam vencer os desafios que se interpuseram no seu caminho para imprimir à vida um novo direcionamento; 4) quanto ao vocabulário, é importante observar “como, em função de seus usos, as palavras se comportam nos discursos, chamando umas às outras, polemizando, opondo-se; em suma: formando ‘redes’” (Lara, 2021, p. 65). Um exemplo: as palavras **gado** e **animais** (enfurecidos) chamam uma à outra nos discursos de Khadija e de Aman para materializar, metaforicamente, o tema da desumanização do refugiado.

Esses “dizeres verdadeiros” revelam, enfim, narrativas com teor testemunhal que, partindo de experiências individuais, permitem a formação de uma subjetividade coletiva (Ginzburg, 2015), isto é, aquelas em que o grito de um pode ecoar como grito de todos, resistindo (discursivamente) ao poder instituído e às ideias cristalizadas.

## Referências

AGIER, M. **L'étranger que vient: repenser l'hospitalité**. Paris: Seuil, 2018.

AMOSSY, R. L'espèce humaine de Robert Antelme ou les modalités argumentatives du discours testimonial. **Semen**, Besançon, n. 17, 2004. DOI <https://doi.org/10.4000/semen.2362>

ARCANJO, F. As filhas da guerra: a discursivização digital dos traumas do Holocausto. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. 3, p. 413-429, set.-dez. 2021. DOI <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-32235>

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARTHES, R. **Le grain de la voix**. Entretiens. 1962-1980. Paris: Seuil, 1981.

BARTRAM, D.; POROS, M.; MONFORTE, P. **Key Concepts in Migration**. Londres: Sage, 2014. DOI <https://doi.org/10.4135/9781473921061>

BERNARDOT, M.-J. **Étrangers, immigrés: (re)penser l'intégration**. Rennes: Presses de L'École des Hautes Études en Santé Publique, 2019.

BERTAUX, D. **Le récit de vie**. Paris: Armand Colin, 2005.

BISIAUX, S.-A. **En finir avec les idées fausses sur les migrations**. Ivry-sur-Seine: Les Éditions de L'Atelier/Éditions Ouvrières, 2021.

CANUT, C.; SOW, A. Les voix de la migration. Discours, récits et productions artistiques. **Cahiers d'Études africaines**, Paris, p. 9-25, 2014. DOI <https://doi.org/10.4000/etudesafriaines.17578>

CHARAUDEAU, P. **Grammaire du sens et de l'expression**. Paris: Hachette, 1992.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2015.

DEPREZ, C. La langue comme "épreuve" dans les récits de migration. **Bulletin suisse de linguistique appliquée**, Neuchâtel, n. 76, p. 39-52, 2002. Disponível em: <https://doc.rero.ch/record/18337/files/07-Deprez.pdf>.

EMMANUELLI, X. **Accueillons les migrants! Ouvrons nos portes. Ouvrons nos coeurs**. Paris: L'Archipel, 2017.

FONTANILLE, J. Ethos, pathos et persuasion: le corps dans l'argumentation. Le cas du témoignage. **Semiotica**, v. 163, 1/4, p. 85-109, 2007. DOI <https://doi.org/10.1515/SEM.2007.006>

GEAI, O. **La parole est aux migrants**. Paris: L'Harmattan, 2015.

GINZBURG, J. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. **Revista Conexão Letras**, v. 3, n. 3, 2015. DOI <https://doi.org/10.22456/2594-8962.55604>

LARA, G. M. P. **Vivendo do outro lado do Atlântico**: histórias de brasileiros em Portugal. Coimbra: Grácio Editor, 2021.

LARA, G. M. P. **Entre experiências e memórias**: narrativas de vida de brasileiros na Europa. Campinas: Pontes, 2023.

MACHADO, I. L. **Narrativas de vida**: saga familiar & sujeitos transclasses. Coimbra: Grácio Editor, 2020.

MACHADO, I. L. A life story forged by successive migrations: the case of Lucia. **Revista da ABRALIN**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 136-157, dez. 2021. DOI <https://doi.org/10.25189/rabralin.v20i3.1898>

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar, 2005.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. Curitiba: Criar, 2006.

MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. *In*: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.

MAINGUENEAU, D. **Variações sobre o ethos**. São Paulo: Parábola, 2020.

MARCO, V. de. Literatura de testemunho e violência de Estado. **Lua Nova**, n. 62, p. 45-68, 2004. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-64452004000200004>

MARIANI, B. **Testemunhos de resistência e revolta**. Um estudo em análise do discurso. Campinas: Pontes, 2021.

NOSSIK, S. Introduction: Le récit de soi entre conformisme et émancipation. **Semen**, Besançon, n. 37, 2014. DOI <https://doi.org/10.4000/semen.9860>

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SELLIGMAN-SILVA, M. Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. DOI <https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000100005>

SELLIGMAN-SILVA, M. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. Campinas: Editora da Unicamp, 2022.